

CONSTRUÇÕES PRONOMINAIS DE TERCEIRA PESSOA COMO ACUSATIVO ANAFÓRICO: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA, ALOCONSTRUÇÕES E TRADIÇÃO DISCURSIVA

Gabriel Guimarães Peixoto¹

RESUMO: Este artigo pretende analisar aspectos formais ó principalmente morfossintáticos ó e semântico-funcionais dos objetos diretos anafóricos pronominais de terceira pessoa, considerando a variação linguística, sob a perspectiva da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; DIESEL, 2015). Serão analisadas as várias formas de realização desses objetos diretos, a partir das considerações variacionistas desse fenômeno apresentadas em Duarte (1986), e suas motivações morfossintáticas, semânticas e discursivas. Concentrando-nos nas realizações pronominais na composição do acusativo anafórico de terceira pessoa, analisamo-las como construções sinonímicas em certos contextos discursivos, podendo ser intercambiáveis em alguns casos, resguardadas as diferenças provocadas. Com o devido *corpus*, ao tratarmos da variação nessas construções, utilizaremos o conceito de aloconstruções para interpretarmos os atributos de forma e de função que caracterizam essas construções pelas relações sinonímicas entre elas. Além disso, usando a concepção de padrão discursivo associado ao conceito de tradição discursiva, justificaremos a presença de algumas construções com pronomes clíticos acusativos no *corpus*. Também mostraremos que as diferenças socioculturais entre os missivistas ó fatores extralinguísticos ó não impedem a existência de construções [+ formais], como as com clíticos, nos três conjuntos de cartas que compõem nosso *corpus*.

Palavras-chave: Construções pronominais. Aloconstruções. Gramática de Construções.

THIRD PERSON PRONOUN CONSTRUCTIONS AS AN ANAPHORIC ACCUSATIVE: LINGUISTIC VARIATION, ALLOCONSTRUCTIONS AND DISCURSIVE TRADITION

ABSTRACT: This article intends to analyze some formal ó mainly morphosyntactic ó and semantic-functional aspects of direct anaphoric pronominal third-person objects, considering linguistic variation, from the perspective of the Grammar of Constructions (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010; DIESEL, 2015). The various forms of realization of these direct objects will be analyzed, based on the variationist considerations of this phenomenon presented in Duarte (1986), and their morphosyntactic, semantic and discursive motivations. Focusing on the pronominal achievements in the composition of the anaphoric accusation of third person, we analyze them as synonymic constructions in certain discursive contexts, which can be interchangeable in some cases, safeguarding the differences provoked. With due corpus, when dealing with the variation in these constructions, we will use the concept of allostructions to interpret the attributes of form and function that characterize these constructions because of the synonymic relations between them. In addition, using the concept of discursive pattern associated with the concept of discursive tradition, we will justify the presence of some constructions with accusative clitic pronouns in the corpus. We will also show that the socio-cultural differences between the letter writers ó extralinguistic

¹ Mestrando em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa), UFRJ, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: gumaraesgabriel_ps@hotmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0322-1063>.

factors do not prevent the existence of [+ formal] constructions, such as those with clitic, in the three sets of letters that make up our corpus.

Keywords: Pronominal constructions. Allostructions. Construction Grammar.

Introdução

Nem só de análises formais vivem os estudos linguísticos. Não é só trabalhando com a morfossintaxe, por exemplo, que a cientificidade da língua se faz presente. É preciso, então, articular forma e conteúdo, forma e função, para se chegar a um processo de representação do conhecimento linguístico que dê conta dos múltiplos aspectos da gramática do Português. Nesse sentido, o estudo da variação linguística é e posterior estudo da mudança é através do pareamento de forma e função em uma construção revela quais atributos formais e funcionais atuam, estatisticamente e juntos, na escolha do falante por uma ou outra forma em variação. Ou seja, permite depreender quais motivações formais e funcionais promovem a seleção de uma alternativa de uso e quais restrições a bloqueiam. Sabendo quais atributos são esses, portanto, podemos traçar semelhanças e diferenças entre as construções e configurar a rede de relações entre estas.

Sendo assim, o presente artigo visa a analisar alguns aspectos formais e morfossintáticos e aspectos semântico-funcionais dos objetos diretos anafóricos pronominais de terceira pessoa, considerando o fenômeno de variação linguística, a fim de que os resultados obtidos por meio de uma análise quantitativa dos dados de uso revelem entre as construções em análise (i) uma possível relação em uma metaconstrução na qual atuem como aloconstruções/variantes que têm suas diferenças neutralizadas, bem como (ii) uma possível relação delas a um padrão discursivo.

Para isso, o *corpus* constitui-se de cartas brasileiras escritas entre o século XX e início do XXI². Nosso *corpus* é dividido em três grupos de cartas. O primeiro grupo é constituído de 21 cartas de amor, que fazem parte de um conjunto de dados de um projeto de pesquisa na UFRJ³. São trocas de correspondências entre dois casais, um de Pernambuco, e outro de Minas Gerais; cada um dos indivíduos possui diferentes graus de letramento. O segundo grupo faz parte do projeto *Corpus Compartilhado Diacrônico: Cartas Pessoais*

² Embora as cartas possam ser agrupadas em algumas sincronias com intervalos menores, constituindo-se, então, um estudo também com viés diacrônico, não é nossa finalidade neste artigo tratarmos de mudança diacrônica. Nossa ênfase aqui recai sobre variação sincrônica.

³ Na disciplina do Mestrado em Letras Vernáculas e Língua Portuguesa/UFRJ, foi disponibilizado para a turma um *corpus* de cartas sob a orientação da Profa. Dra. Célia Regia dos Santos Lopes (UFRJ). Esse material faz parte de um acervo da pesquisa da mesma professora.

Brasileiras, responsabilidade do projeto do Laboratório de História da Língua Portuguesa (HistLing)⁴, da Faculdade de Letras ó UFRJ. Sendo assim, esse grupo de cartas, retirado do projeto, é formado por missivas trocadas entre os membros de certas famílias, que são: o casal Jayme-Maria, carioca; Salgado Lacerda, mineira. Além desses, nosso *corpus* completa-se com um grupo de missivistas do século XXI, das cinco regiões socioeconômicas do Brasil. Este não faz parte do projeto mencionado, mas já foi usado em outra pesquisa (ROCHA, 2018). O que se sabe sobre essas famílias e seus integrantes foi retirado do conteúdo das próprias cartas, bem como o que se sabe dos missivistas do século XXI.

A partir disso, espera-se analisar as várias formas de realização desses objetos diretos, com base nos resultados levantados por Duarte (1986), e suas motivações semânticas, discursivas, além de relações extralinguísticas para a seleção de uma ou de outra forma na composição de objeto direto ao longo desse tempo. Como entendemos que todas essas faces linguísticas ó sintaxe, morfologia, semântica, discurso, por exemplo ó atuam juntas na língua, formando uma rede de construções linguísticas que se òcomunicamõ entre si e nos fornecendo uma visão de sistema linguístico integrado, uma rede de links e heranças (cf. GOLDBERG, 1995, 2006), serão adotados os pressupostos da Gramática de Construções, não só para analisar os fenômenos em questão, como também para relacioná-los às noções de aloconstruções (CAPELLE, 2006) e de padrão discursivo (LEINO & ÖSTMAN, 2005).

Nem todas as variantes descritas por Duarte (1986) foram exploradas na pesquisa em que se baseia este artigo. Aqui, priorizamos as variantes pronominais foneticamente realizadas de 3ª pessoa: clítico acusativo (A.3), pronome lexical (A.2) e pronome demonstrativo resumitivo/neutro (A.1). As alternativas ÷sintagma nominal (SN)ø e ÷objeto nuloø não serão consideradas. Exemplificando⁵ as construções variantes pelos atributos morfossintáticos, temos:

- (A) Fui à feira e comprei **aquelas maçãs vermelhas**.
- (A.1) Eu comi **isso** (pronome demonstrativo neutro).
- (A.2) Eu comi **elas** (pronome lexical ou pronome reto).
- (A.3) Eu **as** comi (pronome clítico).

A partir disso, nossas hipóteses são as seguintes: (i) independentemente do grau de letramento dos missivistas, os constructos com clíticos terão presença nos três conjuntos de cartas; (ii) as microconstruções com os antecedentes [+ SN animados] favorecem a retomada por pronomes lexicais e por clíticos; (iii) as microconstruções com antecedentes [+ proposicionais] favorecem a retomada por pronomes demonstrativos resumitivos; (iv)

⁴ <https://histling.lettras.ufrj.br/>

⁵ Esses exemplos são exemplos ilustrativos ó e não retirados do *corpus*.

padrões discursivos das partes mais fixas e menos mutáveis, constituintes das cartas pessoais, como a captação da benevolência e a despedida, aumentam o índice de clíticos; e (v) as microconstruções analisadas ó as diferentes estratégias de realização do acusativo pronominal ó são vistas como formas/estratégias em competição, isto é, um fenômeno variável, na representação de complemento verbal anafórico, disponível aos falantes, seja justamente por terem, ou no atributo formal ou no funcional, variação por similaridade, logo, aloconstruções, seja por serem acionadas por um padrão discursivo (visto aqui, de forma geral, como +/- formal ou neutro) das partes mais fixas das cartas pessoais.

Dessa forma, o artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, são apresentados os pressupostos teóricos usados; na segunda, a metodologia empregada e as discussões sobre resultados obtidos; na terceira, algumas considerações finais.

1 *Corpus* e pressupostos teóricos

1.1 O *corpus*

Uma série de implicações há ao escolher um determinado gênero textual como *corpus*. Isso significa dizer que a escolha das cartas como gênero amostral precisa de uma definição como tal, assim como é preciso elencar suas particularidades e idiossincrasias, para que uma análise linguística seja bem representativa e dê conta das múltiplas facetas ali existentes.

Para isso, usa-se, então, Bakhtin (1979), que inova os conceitos de texto, textualidade e discurso ao fazer uma reflexão sobre os gêneros do discurso. Em um de seus principais textos, *Os gêneros do discurso*, o autor defende que toda materialização linguística ó oral ou escrita ó faz-se por textos; textos esses que obedecem (estão enquadrados) sempre em um modelo de escrita, em uma forma textual, que corresponde às várias esferas da atividade humana. Sendo assim, cada uma dessas esferas, desses campos, produz padrões textuais em que nossos enunciados vão sendo encaixados para a produção de sentido em determinada situação interacional e com certas finalidades comunicativas. Afirma, ainda, que são modelos ãrelativamente estáveisõ, visto que sempre que um gênero sofre alguma modificação sistemática ao longo do tempo e do uso, ele pode mudar, desde que sua essência permaneça a mesma.

Com base nisso, temos que as cartas são um gênero do discurso por apresentarem finalidade comunicativa, interação entre falantes e um modelo de formulação padrão, cuja configuração esperada é: localização espaço-temporal, saudação, captação da benevolência, núcleo da carta, despedida e assinatura. Na nossa amostra, é justamente essa a configuração textual existente. Tal configuração é completamente conhecida por aqueles que detêm proximidade com os modelos de escrita e que fazem uso deles, por aqueles indivíduos letrados (SOLÉ, 1998). Além disso, podemos identificar que há interlocutores no processo de interação e intenção discursiva. É preciso lembrar também que cada uma dessas partes possui estruturas que as fazem reconhecer como tais.

É característica desse gênero do discurso, assim como os diários, registrarem a escrita mais despretensiosa com a norma padrão ou seja, como se trata de um tipo de texto de caráter privativo e não público, o rigor com as normas gramaticais prescritivas não é alto ou ainda mais se essas cartas forem escritas por pessoas não ilustres de uma sociedade. Por isso, a carta é um meio eficiente de se resgatar o vernáculo de dada época, que pode ser relacionado também a fatores sociais. Dessa forma, a produtividade das cartas pessoais, principalmente, pode revelar, depois de analisadas por diversos fatores e critérios, aquilo que seria o mais próximo da produção de uso real dos falantes. Então, com o objetivo de evidenciar uma escrita mais próxima da fala, em razão das características apresentadas, é que esse *corpus* se mostrou mais promissor.

Escolhemos analisar, portanto, os três conjuntos já mencionados de cartas, escritas em diferentes décadas ao longo do século XX e início do XXI, por diferentes grupos socioculturais. Com isso, a análise de dados de informantes com diferentes níveis de escolaridade é proveitosa, pois podemos evidenciar uma norma comum a todos no que se refere ao vernáculo, fazendo com que os fenômenos analisados se mostrem mais próximos aos característicos daquelas comunidades de fala daquele tempo, ou seja, do século XX e do início do XXI.

Justamente por se tratar de uma comunidade de fala de uma sincronia passada ou em relação à que estamos neste momento ou é que fomos buscar descrições linguísticas sobre o Português Brasileiro (PB) que possam servir de base para a análise do período em questão. Chegamos, então, a Duarte (1986) e aos seus resultados das formas anafóricas do objeto direto.

1.2 Estudo variacionista, segundo Duarte (1986)⁶

É válido ressaltar que o nosso artigo busca fazer uma interface entre variação linguística, do ponto de vista da Sociolinguística, e a Gramática de Construções. As noções de que a língua é heterogênea e multifacetada, atravessada pela variação linguística, são unânimes e sem contra-argumentos. Também se sabe que algumas variações levam à mudança, que é sistemática e que acontece durante o tempo até se solidificar no sistema e entre a comunidade de fala. E que a língua só se concretiza na fala e no uso feito pelos indivíduos sociais. Essas são ideias basilares das demais correntes e ramos da Sociolinguística, como afirma Martelotta (2011), por exemplo. Assim, como já aparece nos textos ancorais da Gramática de Construções, é possível um alinhamento entre estudos de variação com as noções de construção, rede e padrão construcional, variação e mudança linguística. Por isso, neste artigo, pretendemos aproximar ainda mais essas duas linhas teóricas, pois entendemos que os fenômenos aqui estudados corroboram com a descrição de variação de ambos os modelos, servindo de argumento para a inclusão da variação por similaridade/analogia dentro do escopo da Teoria Cognitivo-Funcional, visto que, por polissemia, já está incluída.

Uma pesquisa que trata da representação do acusativo anafórico de terceira pessoa numa perspectiva sincrônica é a que está no célebre artigo de Duarte (1986). A autora sistematiza as possíveis realizações do acusativo no PB, a saber: clítico acusativo, pronome lexical, objeto nulo e SN anafórico, dentre as quais estão as nossas variantes⁷. Sua hipótese é a de que o clítico acusativo estava tendendo a ser substituído pelas demais formas, principalmente pela variante nula, e de que a análise de *corpus* e os testes de julgamento revelariam os estágios de implementação desse fenômeno. Além disso, a autora também defende que atualmente os falantes de PB só *adquirem* os clíticos de terceira pessoa via escolarização. Assim, com dados de fala retirados de gravações de entrevistas de 50 paulistanos (40 horas de gravação ao todo) e dados da linguagem televisiva (4 horas de gravação de novelas e 4 horas de entrevistas), a autora mostra como já era produzida nos anos 80 e 90 a realização de acusativo anafórico no vernáculo dos falantes.

⁶ Também é válido destacar que, embora saibamos das diferenças entre estudos sincrônicos e diacrônicos, entre dados de fala e dados de escrita, resolvemos trazer esse trabalho como exemplificador de estudo com o fenômeno em questão e como norteador para nossas análises variacionistas. Não pretendemos, portanto, comparar teorias nem resultados o que seria inviável pelas diferenças já citadas. Apenas queremos mostrar que, visto sob várias óticas, o fenômeno linguístico é produtivo a estudos e análises.

⁷ Neste trabalho, Duarte inclui no grupo do SN anafórico os pronomes demonstrativos neutros, como *isso*. No nosso caso, nós os separamos dos outros SNs anafóricos.

Para isso, ela considera/perspectiva variáveis internas e externas ao sistema, como: projeção realizada pelo verbo, transitividade verbal, tempo e modo, forma do acusativo, traços semânticos de animacidade, além de idade (segundo 4 grupos: 15-17, 22-33, 34-46 e acima de 46 anos) sexo, nível de escolaridade (que iria do 1º ao 3º grau) e julgabilidade da variante. Para nosso trabalho, o interessante é a combinação dos atributos formais, como forma pronominal da variante, com os atributos funcionais, como traços semânticos do antecedente, além dos fatores sociais de nível de contato dos missivistas com os textos escritos. Cabe, portanto, analisar quais fatores, além dos morfossintáticos apresentados em seções precedentes, são responsáveis pela escolha de uma ou de outra forma. Por esse motivo é que as outras dimensões do pareamento forma-função são postas em evidência, como se verá mais adiante.

Também devemos deixar claro o conceito de anáfora aqui adotado. Seguiremos a posição defendida por Koch (2007a, p. 51), segundo a qual: ãa anáfora estabelece uma relação de correferência ou, no mínimo, de referência, entre elementos presentes no texto ou recuperáveis através de inferenciação. Nesse sentido, ao tratarmos de formas pronominais (que, pela própria natureza da classe, já realizaria esse fenômeno) anafóricas, estamos nos referindo às construções que textual e discursivamente possuem esse papel coesivo, ou seja, recuperam uma informação já apresentada dentro da interação, que é recuperada/retomada em posição argumental de complementação verbal direta.

1.3 A Gramática de Construções

A Gramática de Construções Baseada no Uso (doravante GCBU) é uma abordagem que adota a ideia de construção, rede de construções e interação humana, que se centram em dados da realidade linguística. Ela ganha força ao valorizar a variação e a mudança linguísticas dentro do arcabouço funcionalista. Dessa forma, com a GCBU seria possível conceber dentro da teoria funcionalista o axioma da inerente variação linguística ao atribuir motivações gramaticais, discursivas e sociais/interacionais/contextuais às diferentes realizações da variação de dado fenômeno.

Segundo a GCBU, a construção é a unidade básica e mínima da língua. Uma construção é todo pareamento de forma e função de uma língua. Isto é, uma estrutura linguística dotada de significado, sentido, contexto de uso, motivações sintáticas, morfológicas, dentre outras. Isso significa que, desde morfemas, passando por padrões

sintáticos, até expressões idiomáticas são tidas como construções. Por exemplo, o morfema de plural -s; padrão sintático de verbos bitransitivos (SUJ VTDI OBJ1 OBJ2); e expressões idiomáticas, como [X_(SN) QUE LUTE]. Além disso, as construções se apresentam numa hierarquia de esquematicidade. Como são unidades simbólicas convencionais (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), elas se organizam de modo que as construções mais esquemáticas, isto é, as mais generalizantes, são aquelas em posições mais altas nessa hierarquia, de modo que as mais particulares/menos esquemáticas estão em posições mais baixas, como os próprios dados linguísticos de uso.

A interação, além disso, tão cara à teoria funcionalista e à Sociolinguística, entra na questão quando entendemos que ela é responsável pelos usos e, por consequência, pela variação linguística, que renova e atualiza a rede gramatical de construções, dentro da qual todas as construções de uma língua estão conectadas de algum modo. Tal rede, em que está também todo o conhecimento dos falantes acerca da própria língua, forma, inclusive, a gramática particular de uma língua (GOLDBERG, 2006). Nas palavras de Martelotta: a gramática é um fenômeno sociocultural, o que sugere que sua estrutura e sua regularidade vêm do discurso, sendo moldadas em um processo contínuo (MARTELOTTA, 2011, p. 64). Isso significa que, se o discurso é moldado pela interação entre falantes, nas mais diversas situações sociocomunicativas, ele acaba sendo permeado por questões sociais, que estão incluídas nas mais diversas situações.

Conseqüentemente, os atributos formais, que podemos dizer que estão relacionados a propriedades sintáticas, morfológicas e fonológicas, e os atributos funcionais, que estão relacionados a propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, estão, juntos, relacionados a fatores extralinguísticos, de ordem social e cultural. Logo, a estrutura da língua é formada pelo uso da língua (BARLOW & KEMMER, 2000; BYBEE, 2010) nos diferentes tipos de contextos, pelos diferentes perfis de falantes.

Dentro deste artigo, em relação ao fenômeno estudado, concebemos como construção a abstração da complementação verbal direta anafórica de 3ª p. das formas pronominais foneticamente realizadas. O esquema dessa macroconstrução seria representado por: [X [SUJ VTD Y_(ODAnafórico de X)]], sendo que Y é representado por alguma forma pronominal foneticamente materializada, ou seja, ODA; e X é o antecedente/referente de 3ª pessoa de ODA, ou seja, de Y. Os devidos atributos funcionais atuam no antecedente do ODA, e os devidos atributos funcionais atuam na representação foneticamente realizada de ODA. A forma verbal pode se apresentar na forma simples ou na forma de uma perífrase

verbal, além de poder ser transitivo direto ou bitransitivo⁸; mas, como nosso foco são os complementos diretos, mesmo em uma construção bitransitiva, o objeto direto é o priorizado.

Nas construções analisadas, o *slot* da representação material de ODA pode atrair uma das diferentes formas pronominais (demonstrativo neutro, clítico e pronome lexical). O atributo formal desse preenchimento de *slot* é marcado pela presença ou ausência de flexão de gênero e número da forma pronominal em questão, ou seja, -isso, o/a(s), ele/ela(s). Já aos atributos funcionais, consideramos como atuantes nas construções os traços semânticos de animacidade do antecedente e da forma pronominal, além dos traços de generalidade e especificidade do antecedente.

Ademais, pode-se acrescentar aos aspectos funcionais o grau de formalidade das diferentes estratégias dentro do gênero discursivo carta pessoal, além do fator social já mencionado: grau de contato do escrevente com os textos escritos. Por fim, ainda em se tratando de gênero, pode-se ver até que ponto alguns dados são próprios de uma subseção (saudação, captação da benevolência, corpo da carta, despedida) do gênero, ou seja, se fazem parte de uma tradição discursiva⁹ (KABATEC, 2006), e não do uso real dos integrantes. Consideramos como tradição discursiva os dados que se encontrem ou na captação da benevolência ou na despedida, por elas serem mais fixas e formulaicas. Mais à frente, explicaremos melhor essa questão. Assim, cada constructo (dado real, realização concreta da construção) será analisado de acordo com esses aspectos.

Esses fatores evidenciam que o tipo de macroconstrução com a qual estamos trabalhando pode ser definida, segundo os conceitos apresentados em Trousdale (2008), como [+ esquemática], [+ produtiva] e [- composicional]. Trabalhamos com esses conceitos, pois a macroconstrução é mais generalizante, visto que ela é abstrata e mais genérica; ela é produtiva, porque há muitas formas de preencher as posições seja com nomes seja com pronomes (no caso do sujeito, quando este não está implícito pela morfologia verbal e/ou pelo contexto textual/situacional), de preencher com diferentes grupos pronominais foneticamente materializados (no caso do ODA), além de X, que pode ser desde uma sentença, um tópico ou um SN, anteriormente disponíveis no discurso. E ela se apresenta como não composicional, pois o significado da construção como um todo não depende do significado das partes que a compõem. Vemos essa não dependência, por exemplo, na representação anafórica do objeto direto. No caso do clítico, como um pronome, identificar o seu significado, ou ainda seu

⁸ Na macroconstrução, representamos a transitividade verbal como VTD, em referência ao verbo transitivo direto, porém, também foi considerada a possibilidade de um VTDI, bitransitivo, na macroconstrução.

⁹ Essas ideias serão apresentadas e discutidas em momento oportuno do artigo.

referente, não é o bastante para compreender o sentido da construção. É necessário fazer essa identificação e associá-la à função sintática, identificar seu grau de formalidade, dentre outros. Nas palavras de Traugott & Trousdale (2013, p. 19), "Se não for composicional, haverá incompatibilidade entre o significado dos elementos individuais e o significado do todo"¹⁰.

Neste momento, após essas descrições e análises, cabe ainda uma pergunta: se cada um desses subesquemas é diferente entre si ou seja pela forma, seja pelos traços semânticos, por exemplo ou como concebê-las como variantes de um mesmo fenômeno? Considerando que, na rede da gramática, essas aloconstruções estão todas conectadas e ligadas à meso/macroconstrução e que os falantes, através dos links de herança, estabelecem/percebem generalizações (o que é comum entre elas), esse questionamento é respondido quando nos ancoramos na noção de aloconstruções. Ou seja, para que se possa dizer que há um gradiente entre essas formas de realização dissemelhantes e que elas, mesmo sendo estruturalmente diferentes, possuem algum aspecto em comum para que possam ser comparadas sob o ponto de vista da variação, é preciso que tenhamos em mente as discussões sobre similaridade, violação do isomorfismo e aloconstruções à luz da Gramática de Construções.

1.4 Violação do isomorfismo e as aloconstruções

O lugar ocupado pela variação dentro da gramática da língua em alguns modelos funcionalistas não era de destaque, quando tinha algum lugar. Entretanto, com o advento da GCBU, a variação ocupa um lugar de certo destaque em certas discussões e em várias pesquisas. Machado Vieira e Wiedemer (2020, p. 269) relatam-nos a mudança de postura trazida pela GCBU:

Embora a possibilidade de variação seja considerada (quase) o carta fora do baralho na maioria dos estudos brasileiros desenvolvidos em tal modelo, já encontra acolhida, geralmente sob a designação de alternância, entre alguns pesquisadores com orientação construcionista (FRIED & BOAS, 2005, CAPPELLE, 2006, 2009, HOFFMANN & TROUSDALE, 2011, PEREK, 2012, 2015; HILPERT, 2014 entre outros).

Nesse sentido, o modelo de GCBU adotado aqui não considera a língua como um modelo estático de construções, mas um modelo heterogêneo e dinâmico de língua em uso. Assim, entendendo a construção como um pareamento de atributos formais e funcionais

¹⁰ Cf. original: "If it is not composicional, there will be mismatch between the meaning of individual elements and the meaning of the whole".

integrados, para que seja considerada essa variação, algum desses atributos deve possuir alguma similaridade para que o falante tenha a alternativa de escolher uma ou outra forma para interagir.

Considerando a língua como uma rede de construções, sabe-se que uma construção pode interferir na outra no jogo da interação e do uso humanos. Essa interferência pode, ainda, favorecer a alteração de algum dos aspectos da forma ou da função, de modo que, claro, o falante ainda seja capaz de identificar similaridade entre elas. Como essas interações entre os falantes e entre as construções são demasiado complexas, as formas e as funções das construções entram numa espécie de interação de *õ muitas para muitas*, isto é, uma relação de muitos atributos formais e muitos atributos funcionais em uma determinada construção; assim como esses atributos dessa construção podem ter, ainda, uma relação de similaridade com outros atributos formais e funcionais de outra construção. Essa realidade quebra a noção de isomorfismo, isto é, a ideia de que há relação biunívoca entre as construções. Ou seja, entra em evidência a violação do isomorfismo, de Goldberg (1995), a partir do qual entendemos que as construções podem ser extremamente parecidas, mas que, havendo alguma diferença, por mínima que seja, em algum dos polos, existe a variação, que permite que o falante opte por uma ou outra em determinado contexto de uso.

Na prática, o que isso traz de benefício para a teoria é que se pode considerar que (a) elementos que são diferentes estruturalmente podem ligar-se a uma mesma função; e (b) elementos estruturalmente diferentes podem estar envolvidos em mais de uma função.

O interesse pela similaridade, ou sinonímia, entre as construções revelaria que o significado é partilhado entre elas, cabendo ao investigador desvendar quais aspectos estão ali envolvidos para que essa similaridade se dê na rede de links e herança da língua. O conceito de *aloconstrução* (CAPPELLE, 2006, 2009), explica, então, a relação de similaridade entre construções diferentes. Dito de outra forma, podemos considerar aloconstruções como as diferentes manifestações estruturais variantes de uma construção que é limitadamente subespecificada. Portanto, uma construção é uma aloconstrução de outra se elas partilharem igualmente pelo menos um dos atributos de forma ou de função e possuírem ao menos um deles diferentemente.

Assim, nas palavras de Machado Vieira e Wiedemer (2020, p. 275):

Tendo em vista a correlação entre a variação e sua significação social, cara à Sociolinguística, é fato que, se cada variante depende do uso (situado, e não apenas socialmente, como também discursiva, pragmática, cognitivamente, se conceptualizamos significação social no âmbito da LFC com orientação

construcional), o mapeamento das construções de uma gramática não pode perder de vista a potencialidade de também haver diferenças entre atributos das faces forma e função daquelas construções entre as quais, na experiência de uso, se revelem e/ou se convencionalizem relações de similaridade configuracional (de algum dos atributos de um padrão construcional X com um padrão construcional Y).

Essa similaridade em alguns dos polos/atributos deve-se às generalizações identificadas pelos falantes entre essas construções em determinados contextos de uso. Em certos contextos é que essas construções são analisadas como alternativas, como variantes. É a percepção do falante de que uma construção pode potencialmente ocupar o lugar de outra construção que as evidencia como aloconstruções. Logo, podemos dizer que existe uma área comum que se sobrepõe a essas aloconstruções que as permite se aproximar em alguns dos polos em determinados contextos, de modo a serem vistas/identificadas como similares e alternantes. Temos aí a *metaconstrução*, ou *constructeme*, segundo Perek (2015), que diz respeito justamente a essa área de generalização da já mencionada rede de herança de todas as construções. Dessa forma, se imaginarmos uma arquitetura para essa rede de construções/alocnstruções, teríamos a metaconstrução englobando todas as aloconstruções, que são ligadas a meso/macroconstruções mais altas na rede, e seguidas pelos constructos, ou seja, as realizações reais dos falantes. Neste artigo, consideramos o causativo anafórico de terceira pessoa como o *slot* construcional de uma construção maior, para o qual temos, pelo menos, 9 possibilidades pronominais (o, os, a, as, ele, eles, ela, elas, isso). A partir delas, temos três alternativas/variantes: demonstrativo, clítico, pronome lexical. Essas, por sua vez, formam entre si uma relação de similaridade que neutraliza suas diferenças. Essa área de similaridade, portanto, é a nossa metaconstrução. Sobre os constructos exemplificadores das aloconstruções, seguimos a consideração de Wiedemer e Machado Vieira (2020), ao tratarem da relação entre constructos e os padrões de variação:

O constructo é o lugar da repetição ou inovação individual a partir de, pelo menos, um padrão construcional. Se, nesse lugar, houver neanálise da correspondência entre os atributos de forma e função e o resultado dessa neanálise for convencionalizado socialmente, instaura-se cenário propício aos processos de variação e/ou mudança (MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2020, p. 267).

Vale dizer que, dentro da GCBU, a variação pode se dar por polissemia/dissimilaridade ou por similaridade/sinonímia¹¹. Esta pode ser segmentada através de um *continuum* com os polos ÕIGUAL ----- DIFERENTEö, dentro dos quais estão as nuances/gradação de similaridade. Dentro desse *continuum*, encontramos, por exemplo, variação por similaridade configuracional (aloconstrução); variação por semelhança simbólica/analogia; e variação por padrão discursivo (o outro tipo de variação estudado aqui).

Aqui, portanto, consideramos a macroconstrução [X [SUJ VTD Y_(ODAnafórico de X)]], e as aloconstruções de ODA como: clítico, pronome lexical e pronome demonstrativo neutro, conforme representado abaixo.

- [X [SUJ VTD OD_{Anafórico de X} (clítico)]];
- [X [SUJ VTD OD_{Anafórico de X} (pronome lexical)]];
- [X [SUJ VTD OD_{Anafórico de X} (pronome demonstrativo neutro)]].

Elas são similares pela posição/função sintática ocupada, são similares quanto aos traços anafóricos que possuem, mas diferem na morfologia. Importante dizer que os traços semânticos e discursivos interagem tanto com X quanto com Y, em todas as configurações. Trazemos novamente os exemplos A, da seção de introdução, aqui, mas em ordem diferente:

(B) Fui à feira e comprei **aquelas maçãs vermelhas**_(X).

(B.1) Eu **as**_(Y) comi; (pronome clítico)¹²

(B.2) Eu comi **elas**_(Y); (pronome lexical ou pronome reto)

(B.3) Eu comi **isso**_(Y); (pronome demonstrativo neutro)

Ao lado desses atributos morfossintáticos das formas anafóricas presentes em cada aloconstrução, evidenciamos a seguir os aspectos funcionais (semânticos e discursivos): (i) Especificidade do antecedente e da forma pronominal: específico ou genérico; (ii) Animacidade do antecedente e da forma pronominal: animado ou inanimado ou proposicional; (iii) Grau de formalidade da forma pronominal (ligado ao aspecto

¹¹ Não é nosso foco discorrer sobre esses conceitos, então só os apresentamos na medida em que forem úteis para a pesquisa. Para saber mais, vale conferir: Machado Vieira & Wiedemer (2019, 2020) e Wiedemer e Machado Vieira (2018a, 2018b).

¹² É válido mencionar também que, nas construções com clíticos, estes podem assumir uma ordem pré-verbal e podem assumir as formas Õ-lo(a)(s)ö e Õ-no(a)(s)ö. Além disso, como estamos tratando das formas anafóricas pronominais do acusativo, os casos em que o clítico é Õsujeitoö do verbo/de um adjetivo também foram contabilizados, visto ser ainda uma forma acusativa, como em: (a) Os meninos foram abusados, e deixei-os sair da sala; (b) A casa é ótima. Considero-a linda. Inclusive, é por esse motivo que preferimos chamar de formas anafóricas pronominais do acusativo do que formas anafóricas pronominais do objeto direto, por entendermos que há uma diferença entre esses termos.

sociolinguístico já mencionado em seções anteriores): formal ou informal ou neutro; e (iv) Localização do constructo na carta (relacionada com a tradição discursiva): corpo do texto ou tradição discursiva.

No exemplo acima, teríamos as configurações:

(C) Fui à feira e comprei **aquelas maçãs vermelhas**_(X, específico, inanimado).

(C.1) Eu **as**_(Y, específico, inanimado, formal) comi; (pronome clítico)

(C.2) Eu comi **elas**_(Y, específico, inanimado, informal); (pronome lexical ou pronome reto)

(C.3) Eu comi **isso**_(Y, específico, inanimado, neutro); (pronome demonstrativo neutro).

Não analisamos os dados acima em relação à Tradição Discursiva, pois são enunciados ilustrativos, não são exemplos reais; porém, dizemos que, em determinados contextos, todos os três constructos acima podem interagir com o corpo do texto ou a Tradição Discursiva. Além disso, com essa exemplificação, podemos ver que X e Y compartilham alguns traços nas três aloconstruções (especificidade e animacidade). Não vamos nos deter nisso, visto que nossa prioridade neste artigo é analisar os três grupos de aloconstruções que dão origem a esses constructos, não a relação das formas pronominais que as compõem com os antecedentes do objeto direto anafórico. Portanto, podemos ter, a partir dos constructos acima¹³, a configuração das aloconstruções a partir da combinação dos atributos formais e dos funcionais.

1.4 Afinal, o que é Tradição Discursiva?

Neste momento do texto, explicaremos a hipótese (iv), segundo a qual nos padrões discursivos considerados como Tradição Discursiva, ou seja, nas partes dos textos dentro das quais esperamos encontrar mais fórmulas discursivas, encontraríamos percentualmente mais aloconstruções com clíticos do que com as demais alternativas. Isto é, diante das Tradições Discursivas (TraDiscs) presentes nos textos, sua totalidade ou sua maior parte é formada pelas aloconstruções com clíticos. Isso não significa, contudo, que a preferência percentual dos clíticos se explica pela presença de TraDisc, mas que, quando temos uma TraDisc, a preferência é que haja a aloconstrução com clítico.

¹³ Não faremos uma análise do exemplo acima, somente dos nossos dados/constructos do corpus no momento oportuno do texto.

No que se refere à Linguística Textual e à Sociolinguística Diacrônica, vamos usar a noção de Tradição Discursiva, que será aplicada às construções com clíticos, para explicar sentenças mais formulaicas dentro do texto. Isso nos ajudará a definir/identificar o que faz parte do gênero carta propriamente dito, e o que faz parte das Tradições Discursivas, e o que é, de fato, vernáculo do missivista.

A definição de Tradição Discursiva surge com os estudos de Coseriu sobre os estudos da linguagem humana e, por consequência, do estudo da língua. O autor chega a três níveis do falar, presentes na atividade linguística: nível universal, nível histórico e nível individual. O primeiro refere-se ao fato de que toda comunicação humana é pautada por uma língua, seja ela qual for. É a atribuição de significados. O segundo diz respeito aos significados existentes historicamente em cada língua para os signos. O terceiro, por fim, é a concretização material da língua, ou seja, os textos. É válido ressaltar que os três níveis acontecem concomitantemente para os falantes. A cada enunciado que é concretizado em textos, existe um significado construído a partir do sistema de uma língua, localizado historicamente no tempo e no espaço.

A partir, então, do desenvolvimento dessas noções juntamente com o nascimento e evolução da Linguística Textual, os padrões de textualidade dos diferentes tipos de textos começaram a ganhar foco e interesse geral. Com isso, definiam-se as regularidades textuais e aquilo que conferia a um texto o status de ser texto, a textualidade, com base no conteúdo dos textos, nos elementos estruturais e gramaticais, na macroestrutura (narrativo, descritivo...), na situação comunicativa e, por fim, nas intenções interacionais dos interlocutores envolvidos nesse processo.

Baseando-se nessas ideias sobre textos, Koch (2007) utiliza os conceitos de Coseriu para expandir as noções do nível histórico. Assim, o autor divide esse nível em dois: nível das línguas em particular e o nível das tradições discursivas. Aquele corresponderia ao sistema léxico-gramatical de uma língua, enquanto este se liga ao fato das intenções e finalidades discursivas que extrapolam as regras da língua. Assim, uma primeira noção de TraDisc resultaria em modos tradicionais de dizer as coisas, modos que podem ir desde uma fórmula simples até um gênero ou uma forma literária complexa (KABATEK, 2006). Entretanto, deve-se ter em mente que TraDisc não corresponde à mesma ideia que gênero discursivo. Sua principal diferença está em ser caracterizada por fórmulas/modos de dizer. Assim, tem-se o cumprimento *õbom diaõ* com a finalidade discursiva de ser uma saudação, dado em uma parte específica do dia; há um contexto. Da mesma forma, conforme revelado em Kabatek,

expressões específicas de falar de determinado político, dentro do gênero discurso político, são identificadores desse indivíduo como parte de um grupo. É, então, õuma tradição de falar dentro de um mesmo gêneroõ.

Segundo o mesmo autor, uma característica fundamental da TraDisc é a sua repetição. Uma forma de falar que se repete dentro de um gênero ou dentro de dadas situações comunicativas. Entretanto, deve-se ter em mente de que nem toda repetição implica uma TraDisc, mas toda TraDisc vem de uma repetição. Para, então, deixar isso bem claro, elenca-se uma série de condições para caracterizar as TraDiscs. São elas: (i) Devem ser de natureza discursiva/linguística; (ii) Nem toda repetição forma uma TraDisc, como já havíamos dito; e (iii) Evocação de determinada situação comunicativa.

Temos, portanto, nas palavras do autor, a seguinte definição das Tradições Discursivas:

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados (p. 7).

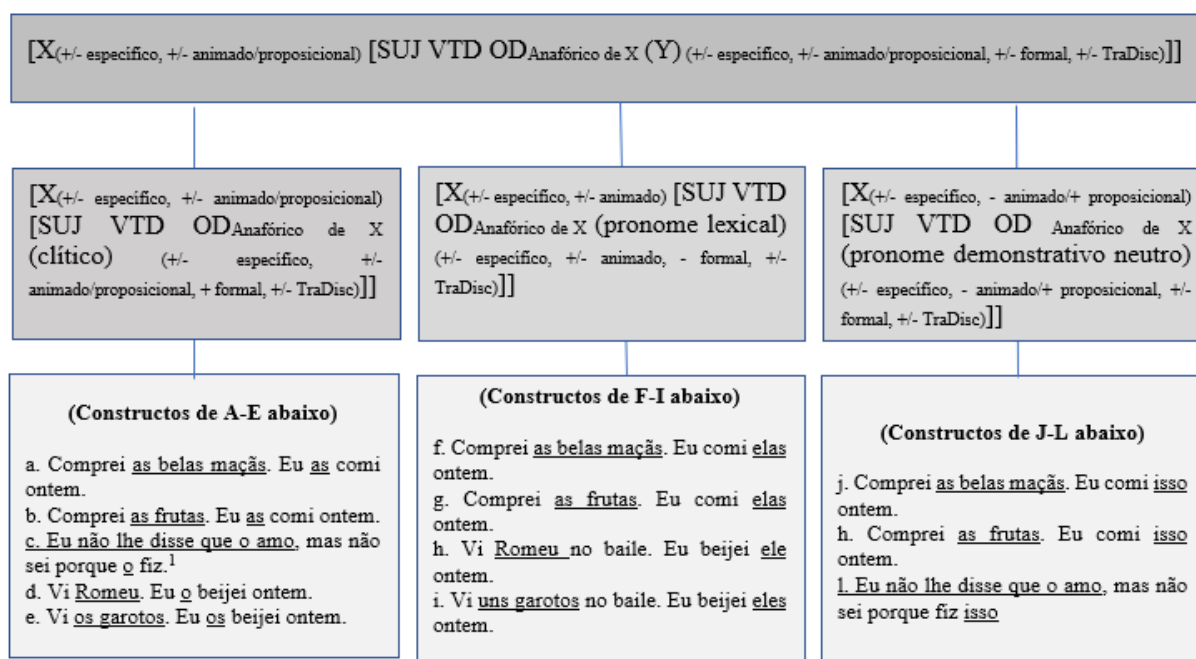
Ademais, advindo ainda das relações de similaridade entre as construções, a GCBU introduz a noção de paradigma discursivo, que possui ideias que podem se relacionar com o conceito de TraDisc.

Para Bybee (2015), a estabilidade das variantes tende a evidenciar que a forma dos paradigmas é um determinante da possibilidade da fixação de mudanças analógicas, alinhada à frequência das distribuições das estruturas junto ao paradigma (MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2020). Sendo assim, em resumo, nas palavras dos autores:

[...] outro tipo de analogia é a paradigmática, que se delinea em razão do processo de compatibilização de unidades linguísticas em slots abertos a que se sujeitam padrões construcionais e da fixação de um õpadrão paradigmáticoõ, que passa a orientar a formulação de expressões linguísticas com base num mesmo significado (região funcional/enquadre cognitivo com especificações que servem de orientação para o uso da língua) (MACHADO VIEIRA & WIEDEMER, 2020, p. 291).

Nesse sentido, uma construção, a depender do gênero textual ó e em que lugar desse texto ela aparece ó, licencia a existência de unidades lexicais que se encaixam nos *slots* abertos dessas mesmas construções, a fim de que se tornem uma estrutura interpretada e produzida como um paradigma, um padrão.

Tendo em vista todos esses conceitos, temos a seguir uma representação construcional dos complementos verbais anafóricos de terceira pessoa. Vale, ainda, mencionar que as formas pronominais clíticas não compreendem os casos do clítico -se, pois, ele não se encontra em ambiente de variação com as demais formas pronominais, visto que apresenta, inerentemente a ele, traços específicos: reflexivo/recíproco. Como não é esperado que esse tipo de traço interaja com as demais formas estudadas, as construções com esses pronomes, por apresentarem mais dissemelhanças do que similaridades com as demais aloconstruções aqui selecionadas, não foram contabilizadas.



Esquema 01. Rede construcional de [X [SUJ VTD Y_(ODAnafórico de X)]] e das aloconstruções.

Com isso, antes de partirmos para a metodologia e os resultados, podemos fazer alguns apontamentos interessantes sobre as restrições de cada aloconstrução. Aquela com clítico não possui traço [- formal]. Há a expectativa de que ela seja [+ formal]. É esperado que aquela com pronomes lexicais, ao contrário, seja [- formal], além de também não possuir antecedentes [+ proposicionais]. Aquela com pronomes demonstrativos neutros não possui antecedentes [+ animados]. A partir disso, podemos dizer que a especificidade e a

possibilidade de ser ou não uma Tradição Discursiva/Padrão Discursivo são os traços semânticos combinatórios compartilhados por todas as aloconstruções. Os demais traços, ora aproximam duas, ora distanciam alguma das demais. Pela própria caracterização de aloconstrução, temos atributos formais que as distanciam (como a forma pronominal), mas também temos os que as aproximam (forma anafórica na mesma função sintática). Quanto aos atributos funcionais, temos aqueles que as distanciam (animacidade e formalidade) e os que as aproximam (especificidade e potencial Tradição Discursiva), como já dissemos. Assim, no pareamento forma/função da construção, as generalizações que os falantes fazem estão relacionadas a esses atributos similares, o que, justamente, permite-nos analisá-las como aloconstruções.

Visto isso, entendendo que as construções que serão trabalhadas ao longo deste artigo são vistas como aloconstruções, prosseguiremos à metodologia e à análise dos constructos retirados do nosso *corpus*.

2 Metodologia e análise dos resultados

2.1 Metodologia

Utilizamos o programa *AntConc* para quantificar todas as ocorrências das categorias pronominais encontradas nas vinte e uma cartas. Depois de quantificadas pelo programa, rastreamos o contexto e seus referentes. Logo após, uma tabela no *Excel* foi montada, evidenciando os itens encontrados, montamos a classificação das aloconstruções, relacionando-as com a quantidade de vezes que apareceram. Ao todo, foram selecionados 165 dados. Por fim, uma outra tabela foi feita no mesmo programa unindo os itens nas formas de preenchimento com o número de suas ocorrências. E foi a partir daí que se deu a análise de resultados. Os itens pesquisados, encontrados e agrupados foram os seguintes:

Quadro 1. Tipos de aloconstruções encontrados no *corpus*

I- [X _(+ específico, + animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (+ específico, + animado, + formal, +/- TraDisc)]	VI- [X _(+ específico, + animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex lexical)} (+ específico, + animado, - formal, +/- TraDisc)]	X- [X _(+ específico, - animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex demonstrativo neutro)} (+ específico, - animado, +/- formal, +/- TraDisc)]
II- [X _(+ específico, - animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (+ específico, - animado, + formal, +/- TraDisc)]	VII- [X _(+ específico, - animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex lexical)} (+ específico, - animado, - formal, +/- TraDisc)]	XI- [X _(- específico, - animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex demonstrativo neutro)} (- específico, - animado, +/- formal, +/- TraDisc)]
III- [X _(- específico, + animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (- específico, + animado, + formal, +/- TraDisc)]	VIII- [X _(- específico, + animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex lexical)} (- específico, + animado, - formal, +/- TraDisc)]	XII- [X _(+ específico, + proposicional)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex demonstrativo neutro)} (+ específico, + proposicional, +/- formal, +/- TraDisc)]
IV- [X _(- específico, - animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (- específico, - animado, + formal, +/- TraDisc)]	IX- [X _(- específico, - animado)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronomex lexical)} (- específico, - animado, - formal, +/- TraDisc)]	
V- [X _(+ específico, + proposicional)] [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (+ específico, + proposicional, + formal, +/- TraDisc)]		

Devemos dizer também que as construções desses três grupos de aloconstruções que forem mais e/ou menos formais e mais ou menos TraDisc vão estar com a devida identificação na tabela.

2.2 Discussão geral e análise dos resultados

Apresentamos a seguir os resultados gerais da quantificação dos constructos:

Tabela 1. Distribuição geral das aloconstruções.

ALOCONSTRUÇÃO	(Y)	N	%
[X _(+ específico, + animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (+ específico, + animado, + formal, +/- TraDisc)]]	127 (76,7%)	28	17%
[X _(+ específico, - animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (+ específico, - animado, + formal, +/- TraDisc)]]		57	34,5%
[X _(- específico, + animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (- específico, + animado, + formal, +/- TraDisc)]]		5	3%
[X _(- específico, - animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (- específico, - animado, + formal, +/- TraDisc)]]		28	17%
[X _(+ específico, + proposicional) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (clítico)} (+específico, + proposicional, + formal, +/- TraDisc)]]		9	5,4%
[X _(+ específico, + animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome lexical)} (+ específico, + animado, - formal, +/- TraDisc)]]	17 (10,3%)	11	6,6%
[X _(+ específico, - animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome lexical)} (+ específico, - animado, - formal, +/- TraDisc)]]		4	2,4%
[X _(- específico, + animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome lexical)} (- específico, + animado, - formal, +/- TraDisc)]]		1	0,6%
[X _(- específico, - animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome lexical)} (- específico, - animado, - formal, +/- TraDisc)]]		1	0,6%
[X _(+ específico, - animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome demonstrativo neutro)} (+ específico, - animado, +/- formal, +/- TraDisc)]]	21 (12,7%)	1	0,6%
[X _(- específico, - animado) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome demonstrativo neutro)} (- específico, - animado, +/- formal, +/- TraDisc)]]			
[X _(+ específico, + proposicional) [SUJ VTD OD _{Anafórico de X (pronome demonstrativo neutro)} (+ específico, + proposicional, +/- formal, +/- TraDisc)]]		20	12,12%
TOTAL:		165	100%

Vemos que a aloconstrução com índices mais altos (76,7% dos dados de todas as aloconstruções) é aquela em que (Y) é preenchido pelos pronomes clíticos. Segundo os resultados de Duarte (1986), os clíticos acusativos de terceira pessoa são aprendidos via escolarização. Se considerarmos essa hipótese, e levarmos em conta que nosso *corpus* é

composto por um tipo de texto escrito mais ou menos formal, podemos dizer que nossos resultados apontam a preferência por essa aloconstrução, porque a escola apresenta não só esse gênero textual, como também as regras gramaticais para o usar. Assim, podemos dizer que aparentemente há uma interferência do processo escolar pela aloconstrução com clíticos, e, por consequência, há uma influência do fator «contato com os textos escritos» nosso fator extralinguístico. Esse fato fica mais contundente quando nos lembramos de que, segundo a GCBU, a rede gramatical de construções é «alimentada» durante toda a vida do falante na sociedade, visto que ela é sempre permeada pela interação humana. Logo, essa interação é que também é feita com os conteúdos escolares e conecta novos nós a essa rede, juntamente com as construções que já a compõem. Dessa forma, essa aloconstrução é analisada/identificada como alternativa pronominal de complementação verbal dentro desse contexto [+ gráfico, + escrito], próprio da carta, segundo os parâmetros de Koch e Oesterreicher (1997). Podemos ver como exemplos das construções com clíticos retiradas do *corpus*¹⁴ na ordem em que aparecem na tabela 1:

- (1) Fala com Ismenia que não dei o recado ao Dalves porque ainda não o vi. (M, 1936)
- (2) tinha duas cartas para mim, mal recebi-as fui ler. (J, 1936)
- (3) Quero só que voce pense bastante antes de fazer as coisas pois como em todo o mundo há pessoas que querem se aproveitar da situação de voce vir embora e fazer algo que podem comprometê-las. (AC, 1977)
- (4) As vezes olho uma estrela, como se me convencesse de que a olhas tambem. (J, 1937)
- (5) que Deus transforme-as no futuro em felicidade porque o mereces. (J, 1937).

A aloconstrução cujo Y é um pronome demonstrativo vem logo depois, seguida pela aloconstrução com pronome lexical, respectivamente 12,7% e 10,3%. Esses resultados também confirmam a hipótese acima, embora com pouca diferença percentual. Por ser um gênero textual escrito, mas não tão formal (considerando um *continuum* de gêneros segundo o meio e a concepção, conforme os mesmos parâmetros de Koch e Oesterreicher, 1997), ele permite a existência de aloconstruções com o pronome lexical, embora sua taxa não seja tão alta. A alternativa com pronome demonstrativo surge como uma aloconstrução mais «neutra»,

¹⁴ Todos os exemplos mantiveram a estrutura das palavras e das frases manuscritas. Nossas únicas alterações foram direcionadas à segmentação de palavras e à aplicação de uma pontuação mínima nas sentenças para o maior entendimento dos leitores. Logo, fizemo-lo por motivos didáticos e metodológicos.

usada principalmente com os antecedentes que são proposições, como nos mostra a tabela 1. Ainda na mesma ordem em que aparecem na tabela, temos os seguintes exemplos:

(6) eu te peço para você rezar também bem aqui que seja um Padre Nosso e uma Ave-Maria se você não souber rezar isto. (M, 1937)

(7) É por isso Cecy, que eu espero que você de perdoar as minhas faltas, porque se, futuramente, eu alguma cometer, você estar certa de que o motivo que as determinar, será fatalmente, o muito amor que me inspira. E isto digo, minha Cecy, porque receio que você se agaste comigo por alguma coisa que eu venha a fazer. (JM, 1925)

No que se refere às construções com pronome lexical, o maior índice de constructos é justamente com os antecedentes específicos e animados. Depois, os [- animados, + específicos]. Isso sugere que a especificidade é um fator bem importante na atração desse tipo de construção; ainda mais se ele estiver combinado com os traços [+ animados]. Não foram encontrados nem analisados virtualmente (isto é, dentro da rede gramatical de construções, não conseguimos pensar em um exemplo que atendesse a estes atributos) constructos com o antecedente [+ proposicional]. Os exemplos de construções com pronome lexical retirados do *corpus* são os seguintes:

(8) Dedinho deve agir. ele e Zezé e escreveu para você. se antes de ele ir para aí eu vir ele eu dou o recado que você mandou. (LP, 1949)

(9) Muito obrigada por me escrever, amei sua carta, recebi ela no mesmo dia que meu namorado. (F, 2012)

(10) Falei que estava procurando uma menina rica pois eu não tenho dinheiro mesmo. (...) eu vou tentar ver se tiro o dinheiro... namoro ela. (AC, 1978)

(11) Gostei muito do recorte de jornal vou guardar ele comigo. (AC, 1977)

Ainda baseados no resultado geral, vemos que as aloconstruções com antecedente [+ específico] são as mais salientes nos três grupos. Isso indica que traço semântico, nos atributos funcionais das construções, de maior especificidade do referente parece ser um forte candidato a ser um dos traços em comum entre todas as aloconstruções, ou seja, um dos responsáveis pela generalização feita pelos falantes desses subesquemas. Mais à frente, veremos o comportamento de o constructo estar dentro ou não de uma Tradição Discursiva.

Nossas hipóteses (ii) e (iii) também são confirmadas pelos resultados acima. Os dados de antecedente [+ animado] são maiores que os [- animados] em relação às

aloconstruções com clíticos e às com pronome lexical. No caso das construções com pronomes demonstrativos neutros, os contextos com antecedentes [+ proposicionais] estão mais presentes. Além disso, é válido dizer que não foram encontrados dados de construções com pronome demonstrativo neutro com o antecedente [+ animado], por isso essa configuração não aparece na tabela acima. Explicamos isso pela natureza inanimada/esvaziada de significado animado do próprio pronome.

2.3 As aloconstruções e a Tradição Discursiva

Nesta subseção, veremos o comportamento dos três grupos de aloconstruções em relação ao atributo funcional Tradição Discursiva. Por questões metodológicas, dividimos as aloconstruções em três grupos: aloconstrução com clítico; aloconstrução com pronome lexical; e aloconstrução com pronome demonstrativo neutro. Lembramos também que consideramos a ócaptação da benevolência e a ódespedida como partes do texto mais fixas, logo, mais prováveis de favorecerem as construções mais estáveis/formulaicas desse gênero. Entendemos que esse atributo funcional se relaciona mais fortemente com a forma pronominal, por isso que escolhemos mostrar essa relação em cada grupo de aloconstrução ao invés de mostrar a relação em cada microconstrução (todos os tipos presentes na tabela 1). Além disso, na análise do terceiro grupo (aloconstruções com pronome demonstrativo neutro), apresentamos a diferença percentual de formalidade presente nos constructos desse grupo, que não foi apresentada na tabela anterior, visto que, neste caso, cada constructo deveria ser avaliado individualmente.

Se compararmos a taxa dos clíticos de OD às outras formas de preenchimento, pela tabela apresentada na subseção anterior, veremos que seus índices são os mais altos. Como explicar esse fato? Para responder a isso, recorreremos a dois conceitos, um mais utilizado pela Sociolinguística Diacrônica, e outro mais utilizado pela Gramática de Construções, por isso vemos esta subseção como uma òinterface entre os dois modelos: Tradição Discursiva e Padrão Discursivo. Pelas definições apresentadas em seções anteriores, podemos considerar tanto a Tradição Discursiva como o Padrão Discursivo como duas faces de um mesmo fenômeno. Logo, neste artigo, quando falamos de um, estamos falando do outro.

Dessa forma, apresentamos a seguir os resultados dos três grupos de aloconstruções com os respectivos índices de òpertencimento ou não do constructo a um Padrão Discursivo/Tradição Discursiva:

Tabela 2. Grupos de aloconstruções e a Tradição Discursiva

Grupos de Aloconstruções	[+ TraDisc]		[- TraDisc]		TOTAL:
	N	%	N	%	
[X [SUJ VTD OD _{Anafórico de X} (clítico)]]	7	5,5%	120	94,5%	127/100%
[X [SUJ VTD OD _{Anafórico de X} (pronome lexical)]]	-	-	17	100%	17/100%
[X [SUJ VTD OD _{Anafórico de X} (pronome demonstrativo neutro)]]	-	-	21	100%	21/100%

Grupo dos clíticos

Com esses resultados, confirmamos a hipótese (iv). Isto é, nessas cartas pessoais, as construções com clíticos estão ligadas, de certa forma, às fórmulas textuais presentes nesse tipo de texto. Ou seja, as Tradições Discursivas ativam construções mais formulaicas, mais fixas, como aquelas com a presença de clíticos acusativos de terceira pessoa. Embora a maioria das construções seja, de fato, relacionada a partes estruturais e textuais constituintes das cartas menos fixas, menos engessadas e mais õflexíveisö, há um importante resultado quantitativo referente às TraDiscs. Os exemplos abaixo apresentam a construção pertencente a uma TraDisc, e uma que não pertence, respectivamente:

(12) Recomenda-me aos teus, beija a Hilda por mim, a santinha que tu me mandaste beijei muitas vezes e trago-a junto com o teu retrato na carteira, no lado esquerdo. (J, 1936)
[Localização na carta: despedida]

(13) Quanto às tuas faltas, bem sabes que tenho um coraçãozinho de ouro, disposto a perdoá-las! (Y, 1924).

Grupo do pronome lexical

Esses resultados das construções com pronome lexical nos dizem que esse grupo de aloconstrução só aparece em contextos que não constituem Tradição Discursiva. Além disso, levando em consideração os resultados da tabela 1, podemos dizer que os contextos [-TraDisc, - formal] estão relacionados, visto que não temos esse subesquema em contextos formais nem em contextos mais formulaicos. Se as TraDiscs estão ligadas aos gêneros, e se a carta é um gênero medial entre a formalidade e a informalidade, esses resultados nos mostram que as TraDiscs das cartas estão mais ligadas à formalidade. Assim, os dados que õfogemö dessa formalidade são próprios da õparteö informal do gênero. O exemplo a seguir está localizado no corpo do texto.

(14) Norma eu mandei uma carta para vocês por irmão Carneiro Velhor não sei se ele te entregou ou não, se ver ele (...). (N, 1950)

Grupo do pronome demonstrativo neutro

Assim como os resultados das construções com pronomes lexicais, nas construções com pronome demonstrativo neutro, os resultados apontam para realizações que não fazem parte das TraDiscs. Entretanto, temos uma diferença entre os dois grupos. Neste aqui, o pronome não está ligado à formalidade ou à informalidade, visto que cada construção pode se apresentar de modo formal ou de modo informal, a depender do contexto. Sendo assim, mostramos a seguir os constructos com pronome demonstrativo neutro de acordo com a formalidade ou informalidade do constructo, que depende fundamentalmente da sua estruturação formal e funcional no texto.

Tabela 3. Construções com pronome demonstrativo neutro e o grau de formalidade

Aloconstrução com pronome demonstrativo neutro	[+ formal]		[- formal]		[neutro]		TOTAL:	
[X _(+/- específico, - animado/+ proposicional) [SUJ VTD OD Anafórico de X (pronome demonstrativo neutro)] _{(+/- específico, - animado/+ proposicional, +/- formal, +/- TraDisc)]}	4	19,05%	10	47,6%	7	33,3%	21	100%

Levando em conta os resultados acima, os contextos [- formais] atraem mais as construções com esses pronomes, com 47,6%. Seguidos pelo contexto nem formal nem informal (33,3%). Por último, temos os contextos [+ formais], com quase 20%. O que isso nos mostra é que percentualmente não há enormes diferenças, mas alguma há. Considerando que nem uma das ocorrências são de TraDisc, podemos afirmar que sua realização no texto escrito está mais fortemente ligada à natureza nominal ou proposicional do antecedente, conforme a tabela 1. Como exemplos, temos, respectivamente abaixo, constructo [+ formal], [- formal], [neutro].

(15) Recebi a tua carta de 29 de Setembro passado, que muito alegrou-me por saber que estas boa e a Hida e os teus, onde tu dizias que eu tenho mais sorte do que voce, não penses numa coisa dessas, só porque domingo andei em varios logares, eu só queria que tú sentisses em teu peito, a dor que eu sentia no meu, só em pensar que estava andando em tantos lugares assim e tu sem poderes sair dahi, tu não dirias isso. (J, 1936)

(16) Verdura aqui é uma delícia! (Tô repetindo isso outra vez, né?). (M, 1978)

(17) Se der, vou para Montana, na casa do Castilho passar uma semana nestas férias de spring. Escrevi uma carta para ele hoje perguntando isto. (M, 1979).

As diferenças de formalidade acima se explicam, pois, em (15), o conteúdo informativo e as construções sintáticas mais complexas, por exemplo, demonstram um grau de formalidade maior ao produzir o dado. De modo oposto, em (16), temos um assunto trivial,

além de gírias (né), e de formas verbais compactas (tô), que mostram, por outro lado, um contexto mais informal de interação. Em (17), temos um contexto que é informativo e que não demonstra nem um alto grau de formalidade nem um alto grau de informalidade; por isso o vemos como sendo um contexto interativo neutro.

2.4 Portanto, podemos realmente vê-las como variantes?

A pergunta que guia essa subseção é :será que com os resultados obtidos podemos realmente tratar todas essas construções como variantes, seja por aloconstrução seja por padrão discursivo? Para serem consideradas variantes de um mesmo fenômeno, elas precisam ser intercambiáveis. Ou seja, embora possam ocorrer livremente na língua, sem serem, de fato, consideradas como similares, as construções que analisamos aqui devem poder ser alternativas para os falantes, a depender do contexto de interação e dos demais atributos das construções. Por exemplo, trazemos aqui (8), considerando-o como (18).

(18) Dedinho deve agir. ele e Zezé e escreveu para você. se antes de ele ir para aí eu vir ele eu dou o recado que você mandou.

Neste caso, temos a seguinte representação: [Dedinho_(+ específico, + animado) [EU VIR ELE_(+ específico, + animado, - formal, +/- TraDisc)]]. Para que possamos dizer que essa construção pode ser vista como uma aloconstrução, sem trocar o referente, devemos poder usar uma outra construção no lugar dessa, de modo que as alterações em algum dos atributos da construção não a tornem dissemelhante com a outra. Se, então, mudássemos (Y) de um pronome lexical para um clítico, o que se alteraria seria o atributo funcional de formalidade ó que deixaria de ser [- formal], passando a ser [+ formal] ó, mas não haveria uma diferença de significado da construção que a impedisse de ser vista como sinônima em relação à outra, ou seja, haveria entre as construções uma relação de similaridade. Dessa forma, teríamos o seguinte resultado:

(19) Dedinho deve agir. ele e Zezé e escreveu para você. se antes de ele ir para aí eu o vir eu dou o recado que você mandou.

Isso nos daria, portanto, a seguinte representação: [Dedinho_(+ específico, + animado) [EU O_(+ específico, + animado, +formal, +/- TraDisc) VIR]]. Não estamos considerando a mudança de posição do clítico. Isso ficará para trabalhos futuros. O que essa alternativa nos diz é que as duas construções podem ser vistas como aloconstruções, desde que haja, como nos diz a própria definição e

caracterização, ao menos um dos atributos semelhante e ao menos outro diferente, que, nesse caso, foi o grau de formalidade da construção dada também pela forma pronominal diferente.

Da mesma forma, os casos das construções pertencentes a uma Tradição Discursiva podem ser vistos como similares, pois são acionadas por um Padrão Discursivo. O exemplo abaixo, (20), encontrado na despedida de uma das cartas, revela que a alternativa ão não Tradição Discursivaö também é possível, parafraseada em (21).

(20) Lembranças a D. Marietta, fala com ela que eu gostava muito de conhece-la, embora já a conheça um pouco pela tua boca.

(21) Espero que transmita meus cumprimentos a D. Marietta, fala com ela que eu gostava muito de conhece-la, embora já a conheça um pouco pela tua boca.

Em (20), além de esse constructo estar na despedida da carta, ele se revela como uma Tradição Discursiva, por alguns motivos, dentre os quais destacamos: o início da sentença não só com um verbo elidido (Dê/Dá), mas também com o sentido e modo imperativo, característico de um final de interação. O início da sentença é, então, preenchido por um SN que denota despedida. Essas são algumas das características esperadas para essa seção do gênero carta pessoal prototípica. Dessa forma, em (21), ao modificarmos o que caracteriza fundamentalmente essa TraDisc, mesmo mantendo a construção com clítico, o atributo [+TraDisc] dá lugar ao atributo [-TraDisc]. Vale lembrar que embora tenhamos mantido a construção com clítico em (21), esta poderia ser alterada para uma com pronome lexical, mantendo, inclusive, as modificações feitas para que ela se enquadrasse em uma alternativa ão não Tradição Discursivaö.

Com isso, o padrão discursivo é invocado e evocado ó como uma verdadeira TraDisc ó, como se fosse um frame, pelas construções que o possibilitam. Leino & Östman (2005) argumentam que construções possuem atributos de padrão discursivo em relação ao frame, ou cenário. A esse cenário discursivo podemos relacionar as TraDiscs que já estão em jogo e os próprios gêneros discursivos. Essas construções que analisamos, por sua vez, atraem determinadas estruturas, formando, assim, um paradigma discursivo. Assim, no sistema cognitivo do falante, essas construções discursivas funcionam em variação, interpretadas por eles como expressões formulaicas de sua gramática.

Essas conclusões confirmam, portanto, nossa hipótese (v). O fenômeno em questão ó construções pronominais de 3ª p. como acusativo anafórico ó pode ser visto como aloconstruções ou construções similares acionadas por Padrão Discursivo.

2.5 A questão sociocultural

Nesta subseção, testaremos nossa hipótese (i). A partir dela, queremos averiguar se as construções com clíticos, embora não sejam tão presentes na fala menos monitorada dos brasileiros dos anos 80, conforme o trabalho de Duarte (1986), fazem-se presentes na escrita dos brasileiros durante todo o século XX e início do XXI, mesmo que em frequências diferentes. Essa hipótese se justifica pelo conceito de rede gramatical de construções, fundamental na teoria da GCBU. Isso, pois, se a rede conecta todas as construções da língua com as quais os falantes têm contato, é de se esperar que, seja pela Tradição Discursiva, seja pelo monitoramento próprio dos gêneros escritos, que pode ocorrer via escolarização ou via contato cultural com os diferentes gêneros (BARBOSA, 2012), as construções com clíticos estejam presentes na escrita dos missivistas.

Mostramos, a seguir, nosso *corpus* dividido nos três grupos que o compõem: cartas da profª Célia Lopes, cartas do projeto HistLing e cartas do início do século XXI.

Tabela 4. Construções com clíticos em cada grupo de cartas do *corpus*.

Grupos do <i>corpus</i>	Construções com clíticos	
	N/Total	%
Cartas da profª (1924 ó 1950)	11/16	68,75%
Cartas HistLing (1936 ó 1983)	106/136	77,4%
Cartas do início do séc. XXI (2010 ó 2018)	10/13	76,9%

Esses resultados nos confirmam a hipótese (i). Isso, porque, em todos os grupos, temos a presença de construções com clíticos. Isso significa que o texto escrito aciona essas construções, ao passo que, pela pesquisa de Duarte (1986), isso quase não ocorre naturalmente na fala menos monitorada. Também é interessante notar que, de acordo com o período de escrita das cartas, a taxa de clíticos aumenta superficialmente nos dois grupos mais atuais. É claro que um estudo diacrônico deve ser feito para averiguar as causas e as consequências desse aumento percentual, além de relacioná-lo às outras formas de acusativo anafórico, como o objeto nulo e o SN anafórico. Por essa razão dizemos aumento superficial. Só dessa forma conseguiremos uma visão mais ampla acerca do fenômeno. Por isso, não teceremos conclusões sobre esse aumento percentual neste artigo.

Conclusão e perspectivas futuras

Por meio dos estudos em Gramática de Construções, temos, dentro da Linguística Funcional-Cognitiva, pressupostos que nos fazem ver a língua como um sistema integrado de cognição, interação humana, influências socioculturais e atributos propriamente linguísticos. Como resultado de toda essa complexidade, há a noção de construção, segundo a qual toda materialidade linguística é dotada de atributos formais e funcionais, que lhe dá seu sentido dentro de um contexto real de uso. Dentro, então, de uma perspectiva que considera o fenômeno da variação como central dentro do funcionamento da língua, é de se esperar que as construções possam ser vistas sob o prisma da variação. Isso significa que embora possa haver diferenças, mesmo que mínimas, entre os atributos das construções, elas são generalizadas pelos falantes, que as veem como similares.

Nosso artigo se debruçou sobre as construções pronominais de 3ª pessoa foneticamente realizadas em função de acusativo anafórico. Mostramos como elas são semelhantes em vários atributos, como também que se diferem em alguns. Por essa razão, podemos considerá-las aloconstruções. Além disso, mostramos também que além dessa forma de similaridade, temos também as que são similares por serem acionadas por um Padrão Discursivo ó que pode ser visto através das Tradições Discursivas. Os casos das construções com clíticos, além de serem alternativas às construções com pronome lexical, por exemplo, podem ser vistas também como construídas por algum Padrão Discursivo.

Nossos resultados, então, confirmaram nossas hipóteses iniciais, além de nos mostrarem que a especificidade e do potencial TraDisc presente em uma construção são os atributos funcionais presentes em todos os três grupos de construções. E que, embora de fato não tenhamos encontrado nos poucos dados de que dispomos casos em que todas essas construções possam pertencer a um TraDisc, sabemos, pela virtualidade da rede gramatical que compõe a língua, que elas são possíveis: talvez no mesmo gênero estudado, talvez em outro.

O artigo também deixa em aberto algumas questões que, por limitações de tempo, cronograma, metodológicas e de número de páginas, não puderam ser feitas neste artigo, mas que poderão e deverão ser trabalhadas em momento oportuno, como: interferência dos fatores socioculturais: idade, sexo dos missivistas, região geográfica do missivista, contato com os textos escritos de cada missivista (nos moldes de Barbosa, 2006), por exemplo; os tipos de

interação entre os participantes: grau de familiaridade, de intimidade, dentre outros; e também uma análise diacrônica a partir dos pressupostos da GC.

Dentro de nossas possibilidades, portanto, levantamos hipóteses e resolvemos nossas problemáticas, com o auxílio da teoria e de seus diversos mecanismos que se relacionam. Assim, espera-se continuar desenvolvendo e aprimorando esta pesquisa com mais dados para visão mais ampla da rede de construções do Português Brasileiro.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (1979). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, A. Tradições discursivas e tratamento de corpora históricos: desafios metodológicos para o estudo da formação do português brasileiro. In: LOBO, T., CARNEIRO, Z., SOLEDADE, J., ALMEIDA, A., and RIBEIRO, S., Orgs. *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, pp. 589-606, 2012.

BARLOW, M.; KEMMER, S. *Usage Based Models of Language*. Stanford, CA: CSLI, 2000.

BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. *Language Change* (Cambridge Textbooks in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

CAPPELLE, B. Particle placement and the case for ðallostructionsö. *Constructions*, Special Volume 1, p. 1628, 2006.

CAPPELLE, B. Can we factor out free choice? In: DUFTER, A.; FLEISCHER, J.; SEILER, G. *Describing and Modeling Variation in Grammar*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009. p. 183-199.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press. 2001.

DIESSEL, H. Usage-based construction grammar. In: D BROWSKA, E.; DIVJAK, D. (ed.). *Handbook of cognitive linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2015. p. 295-321.

DUARTE, M. E. L. *Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil*. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa). PUCSP, São Paulo, 1986.

GOLDBERG, A. *Constructions: a Construction Grammar approach to argument structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, Tânia Conceição Freire *et al.* *Para a história do português brasileiro*. Bahia: EDUFBA, p. 505 ó 527, 2006.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, P ; OESTERREICHER, W. Oralidad y escrituralidad a la luz de la teoría del lenguaje. In: KOCH, Peter ; OESTERREICHER, Wulf ; LÓPEZ SERENA, Araceli. *Lengua hablada en la Romania: español, francés, italiano*. Madrid : Gredos, 2007.

LEINO, L.; ÖSTMAN, J-O. Constructions and variability. In: FRIED, M.; BOAS. H. C. *Grammatical Constructions: back to the roots*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005. p. 192-213. (Constructional Approaches to Language).

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. *Dimensões e experiências em Sociolinguística*. Blucher, 2019, p. 85-120.

MACHADO VIEIRA, M. S.; WIEDEMER, M. L. A variação no modelo construcionista da Linguística Funcional-Cognitiva. In: BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. O. (Orgs.). *Sociolinguística no Brasil: textos selecionados*. Porto Alegre: Editora da PUCRS, 2020, p. 265-304.

MARTELOTTA, M. E. *Manual de linguística*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PEREK, F. *Argument Structure in Usage-Based Construction Grammar: experimental and corpus-based perspectives*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2015.

ROCHA, L. C. *Espero que esta te vá encontrar em perfeita saúde: a colocação pronominal em cartas pessoais dos séculos XX e XXI*. Dissertação de Mestrado (Letras Vernáculas ó Língua Portuguesa), UFRJ, 2018.

SOLÉ, I. *Estratégias de leitura*. Trad. Cláudia Schilling. Porto Alegre: Art Med, 1998.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, E. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: Suggestions from the development of degree modifiers in English. In: Regine Eckardt, Gerhard Jäger, and Tonjes Veenstra (Eds.). *Variation, Selection, Development : Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin ; New York: Mounton de Gruyter, p.219-250, 2008.

TROUSDALE, G. *Theory and data in diachronic construction grammar: the case of the what with construction*. John Benjamins, 2012.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Lexemas e construção: atração, coerção e variação. *Caderno Seminal Digital Especial*, v. 30, n. 30, p. 81- 132. 2018a.

WIEDEMER, M. L.; MACHADO VIEIRA, M. S. Sociolinguística e Gramática de Construções: o envelope da variação. *In: FRANCESCHINI, L. T.; LOREGIAN-PENKAL, L. (Org.) Sociolinguística: estudos de variação, mudança e atitudes linguísticas*. Guarapuava: Editora da Unicentro, p. 41-77, 2018b.

Recebido em: 09.12.2021.

Aceito em: 14.03.2021.